

Possíveis relações do abandono paterno com o luto da adolescência

Possible Relationships Between Paternal Abandonment and Adolescent Grief

Murilo Henrique Silva¹

Resumo: O abandono paterno é uma dura realidade presente na sociedade brasileira, que carece de estudos e pesquisas. Podemos definir tal situação como aquela em que o pai deixa de cumprir sua função de forma material, intelectual ou afetiva. Este estudo teórico buscou, portanto, investigar como uma das possíveis relações para o mesmo, a dificuldade de elaboração do luto da adolescência, nos sujeitos homens na contemporaneidade. Entretanto, não eliminamos demais fatores como a forma com que os homens vivenciam sua responsabilidade na criação dos filhos, os fatores históricos e sociais. Ou seja, compreendemos que a gênese do abandono é multicausal e complexa. Partimos assim de um entendimento que leva em conta a complexidade com que todos estes elementos se articulam, e objetivamos colaborar ainda mais para esta discussão destacando a possível relação entre a prorrogação da adolescência enquanto função, e a conseqüente dificuldade de elaboração de seu luto, como possível causa para algumas situações de abandono paterno. Destacamos assim, que nossa hipótese foi a de que a ascensão do ideal de adolescência têm tido efeitos sobre a entrada, recusa e/ou permanência dos homens na parentalidade. A metodologia utilizada na pesquisa foi a de um estudo teórico sob a orientação do método psicanalítico, que consiste na escuta e interpretações dos fenômenos inconscientes presentes nas manifestações culturais e sociais. Os resultados obtidos através das análises, apontaram que as influências históricas, erigiram a adolescência como ideal social, influenciando a produção das subjetividades e promovendo uma relação dinâmica entre esse ideal e o machismo estrutural, dando novos contornos à repetição de conteúdos traumáticos familiares. Este contexto, portanto, gerou uma dificuldade dos sujeitos em renunciar certa posição narcísica em prol de um maior investimento em um outro que é lhe é dependente.

Palavras-Chave: Abandono paterno. Adolescência. Transmissão psíquica. Herança psíquica. Psicanálise.

Abstract: Paternal abandonment is a harsh reality present in Brazilian society, which lacks studies and research. We can define such a situation as one in which the father fails to fulfill his role in a

¹ Mestre em Psicologia Clínica e Cultura, pela Universidade de Brasília - UnB, pós graduado em docência do Ensino Superior pela Universidade Pitágoras/Unopar, graduado em psicologia pela Faculdade Pitágoras de Uberlândia.

Recebido em 15/05/2024
Aprovado em 05/07/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



material, intellectual, or emotional manner. This theoretical study, therefore, sought to investigate one of the possible relationships for it: the difficulty in processing adolescent grief among contemporary male subjects. However, we do not exclude other factors such as how men experience their responsibility in raising children, historical and social factors. In other words, we understand that the genesis of abandonment is multicausal and complex. Thus, we start from an understanding that takes into account the complexity with which all these elements interact and aim to further contribute to this discussion by highlighting the possible relationship between the extension of adolescence as a function and the consequent difficulty in processing its grief, as a possible cause for some situations of paternal abandonment. We highlight, therefore, that our hypothesis was that the rise of the adolescent ideal has had effects on men's entry into, refusal of, and/or permanence in parenthood. The methodology used in the research was a theoretical study under the guidance of the psychoanalytic method, which consists of listening to and interpreting unconscious phenomena present in cultural and social manifestations. The results obtained through the analyses indicated that historical influences have erected adolescence as a social ideal, influencing the production of subjectivities and promoting a dynamic relationship between this ideal and structural machismo, giving new contours to the repetition of traumatic family content. This context, therefore, generated a difficulty for individuals in renouncing a certain narcissistic position in favor of greater investment in another who is dependent on them.

Keywords: Paternal abandonment. Adolescence. Psychic transmission. Psychic inheritance. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O abandono constitui infelizmente uma dura realidade na sociedade brasileira. Aragaki (2019) produziu a respeito do tema, uma matéria onde entrevistou a professora Belinda Mandelbaum que é coordenadora do Laboratório de Estudos da Família (LEFAM) da USP. Neste texto jornalístico produzido para a Universidade de São Paulo, a redatora trouxe a definição de que a ausência paterna ocorre quando o pai deixa de cumprir sua função sendo de forma material, intelectual ou afetiva.

Dentro destas três configurações, o abandono material consiste em ausentar-se das provisões sem justa causa, prejudicando a subsistência de um filho menor de 18 anos, já o abandono intelectual ocorre quando o progenitor deixa de garantir a educação primária do filho dos 4 aos 17 anos. Estes dois primeiros tipos de abandono são punidos penalmente, o primeiro com 4 anos de detenção, com multa de 1 à 10 salários mínimos, ao passo que o segundo é punido com 15 dias a 1 mês de reclusão, além de multa. Entretanto, quanto ao abandono afetivo, apesar de se entender que trata-se de um descumprimento do dever legal de cuidar, a justiça, ainda não possui aparatos legais bem definidos para apurar, julgar e/ou responsabilizar tais casos, faltando

assim uma devida jurisprudência, no que concerne ao assunto.

Esta realidade jurídica revela como a sociedade ainda enxerga o abandono parental através de uma forma patriarcal, pois ao homem é esperado um papel de provedor e autoridade moral. Quando estas questões estão ausentes já há regulamentação, entretanto, quanto ao fator afetivo, a lacuna mostra-se expressiva.

Um dado quantitativo também abordado sobre o assunto, foi trágico pelo jornal Metrôpoles, que destacou que no ano de 2020 segundo levantamento da Central Nacional de Informações do Registro Civil (CRC), de um total de 1.280.514 nascituros, 80.904 não tiveram o nome do pai incluído na certidão de nascimento.” (LÁZARO, 2020, online).

A matéria também destaca que este número vem crescendo e que hoje representa 6,31% da população brasileira. Todavia, resta-nos destacar o importante fator de que os números não representam a realidade total do problema pois, conforme já demonstramos, o abandono está para além do ato de assumir ou não o nome do progenitor masculino em um registro civil.

Acrescentamos outrossim, que o ato de registrar, ou ajudar no sustento financeiro dos filhos, como por exemplo através do pagamento da pensão alimentícia ou com o custeamento total ou parcial das despesas familiares, ou na educação; não significam um devido engajamento no cuidado com a prole, uma vez que o pai pode optar por ter ou não contato com a mesma, ou por ela não demonstrar responsabilidade afetiva.

A reportagem ainda enfatiza a problemática social advinda do machismo estrutural, que culturalmente concebe a maternidade como uma obrigação, enquanto a paternidade uma opção. Antes de continuarmos, é preciso todavia, ressaltar que nem sempre a ausência paterna sedará por um abandono, pois a primeira envolve questões que estão para além da segunda. Para ilustrar tal questão destacamos a alarmante diferença no número de assassinatos masculinos, em relação aos femininos. O Atlas da Violência de 2020, promovido pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), traz o dado que 91,8% da população assassinada é masculina, ao passo que a feminina é de 8%. Estes números nos auxiliem a pensar outro dado trágico por LÁZARO (2020), que mostrou que 57% das famílias monoparentais chefiadas por mulheres, são de população abaixo da linha da pobreza, demonstrando como as questões sociais econômicas e raciais, deixam em vulnerabilidade a população masculina, e que interferem também sobre a problemática que estamos discutindo. Em suma, a ausência paterna pode ocorrer, sem haver um abandono.

Após esta breve diferenciação entre ausência paterna e abandono, devemos frisar que há

uma complexidade de causas envolvendo o ato de abandonar. Como exemplo, destacamos a própria reportagem do Metrôpoles citada acima, onde uma jovem relata sua experiência de abandono paterno decorrente de ciúmes da nova companheira do pai em relação à sua mãe. Este caso demonstra como os novos arranjos familiares, decorrentes das possibilidades de separação e os novos matrimônios, influenciam também este fenômeno. Contudo, é necessário destacar que a mesma entrevistada declarou que o pai já tinha dificuldades em assumir a função paterna antes da nova união e que o contexto de abandono só se intensificou com a separação dos progenitores.

Este depoimento evidencia que a parentalidade, enquanto função, exige um ato de entrada do sujeito e um devido engajamento, que se dá pela constante manutenção da função parental, como nos mostra TEPERMAN et al.. (2020).

À respeito do conceito de parentalidade acima mencionado, JUNQUEIRA (2014) descreve que o mesmo foi cunhado por Paul Claude Recamier, em 1961, sendo resgatado em 1985 por Renée Clement, sendo referente aos processos dinâmicos que passam os pais ao se tornarem pais. A autora também relata que Lebovici define a parentalidade como um conjunto de representações dos afetos, comportamentos para com os filhos, mesmo que não tenham nascido ainda. Para ela, a parentalidade começa pela aceitação do que se herda de seus próprios pais, suplantando também o fator biológico.

Com base nesta definição podemos salientar a partir do depoimento da jovem abandonada, que a postura de seu pai revelava desde o início, uma dificuldade em estar na posição parental. Dificuldade esta que encontrou subterfúgio nos ciúmes da companheira, mas que estava para além desta questão.

Após esta breve contextualização da pluralidade de questões envolvidas no abandono paterno, ausência paterna e exercício da parentalidade, podemos explanar que a questão norteadora desta pesquisa foi: Para além destes fatores já conhecidos, será que o ideal da adolescência, presente na sociedade contemporânea, influencia a dificuldade dos homens em entrar e sustentar a parentalidade, gerando assim também situações de abandono paterno?

O objetivo elaborado a partir de tal problemática foi o de compreender se havia uma relação direta entre a ascensão do ideal da adolescência e o abandono paterno.

Justificamos uma investigação desta natureza, orientando-nos a poder proporcionar possibilidades reflexivas acerca desta realidade, através de um olhar complexo e não reducionista ou moralista, almejando não somente avançar mais na compreensão sobre o abandono paterno,

como também influenciar a partir das discussões aqui desenvolvidas, a atuação de profissionais tanto da psicologia, psicanálise, assistência social e o direito sobre novos pontos acerca desta problemática.

Metodologicamente nos fundamentamos em um caminho de conexões teóricas entre o campo psicanalítico e o sociológico acerca da parentalidade. Contudo, destacamos, que mesmo sendo uma pesquisa teórica, nossas análises tomam a psicanálise como seu principal método, uma vez que conforme afirma (FREUD 1923a/1980, 1927/2014a; MENEZES, 2008,2010; ROSA 2004, 2018; SAURET 2003), ela é o meio de se investigar as manifestações do inconsciente, através da escuta e interpretação dos mesmos presentes na cultura. Isto se deve ao seu caráter tríplice, sendo ao mesmo tempo uma técnica, uma ciência e também um método, conforme ecoa LAPLANCHE (1992).

Sumariamente, portanto, para iniciarmos nossa discussão, desambiguamos a noção da adolescência a partir da concepção biológica, destacando que ela é também uma construção social advinda do contexto da modernidade. Ou seja, ela está para muito além da puberdade e das alterações hormonais, como defende BECKER (1999).

É a partir deste giro de perspectiva que podemos provocar o leitor à problemática do que seria, portanto, um ideal de adolescência?

ADOLESCÊNCIA, UM IDEAL

A divisão dos estágios da vida como conhecemos hoje, foi fruto de um processo histórico decorrido principalmente da idade moderna como nos mostra ARIÉS (1975). O autor também demonstra que cada época histórica valoriza certo período etário do desenvolvimento humano como sendo o ideal social daquele tempo, daquela cultura. Dentro da sociedade contemporânea, portanto, o ideal cultural que se erigiu no século XX e que ainda está em voga atualmente é o da adolescência.

Tem-se a impressão, portanto, de que, a cada época corresponderia uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a “juventude” é a idade privilegiada do século XVII, a “infância”, do século XIX, e a “adolescência”, do século XX.” - (ARIÉS, 1975, p. 48)

BECKER (1999) acrescenta que a adolescência em nossa sociedade está também sendo cada vez mais estendida. Para entendermos esta extensão, é preciso compreendê-la como lugar

simbólico social, como nos mostra o autor.

Partindo desta concepção, a adolescência seria um período de moratória, uma preparação para a idade adulta. Quanto à última pode-se defini-la como aquela idade do desenvolvimento onde há o exercício das atividades humanas em sua maior potência produtiva, levando em consideração o aspecto do trabalho, da produção de riquezas, a responsabilização pelos próprios atos e pleno gozo dos direitos civis e de exercício dos deveres (BECKER, 1999).

Contudo, esse ideal de desempenho almejado para a idade adulta afetou diretamente o exercício da parentalidade, uma vez que se tornou pungente e crescente a necessidade de especialização e incorporação dos saberes técnicos por parte dos sujeitos. O objetivo último destas alterações sociais é a máxima extração da plena produtividade, incitando assim uma atmosfera competitiva para correspondência do ideal de desempenho conforme demonstra HAN (2015).

Para os parentais portanto, a demanda social os atravessou através do desejo de maior investimento financeiro e técnico com relação à prole, fazendo com que a dependência financeira se prorrogasse e houvesse uma consequente extensão do período da adolescência. Desta forma, supostamente os dependentes poderiam ter maiores chances de correspondência a estas demandas de sucesso, crescimento, desempenho e “qualidade de vida” impostas pelo mercado (BIRMAN, 2007).

Concomitantemente todavia, outra operação se decorreu na atmosfera social, fazendo com que a adolescência fosse associada a um ideal de liberdade como nos diz ROCHA & GARCIA (2008). Esta associação afetou também a economia do desejo na sociedade atual, pois diante de um mundo do trabalho competitivo, exigente e explorador; os indivíduos passaram a exercer uma “contra-força” buscando a manutenção máxima da adolescência em suas vidas.

O adolecer enquanto ideal passou, portanto, a abarcar um período privilegiado onde as pessoas ainda não lançaram-se no mundo do trabalho e ainda lhes é possível gozar de tempo, e “liberdade”. Neste cenário a maturação biológica e cronológica dissociaram-se do campo simbólico da função à que se propunha a classificação desta fase do desenvolvimento.

Entretanto, BECKER (1999) e CALLIGARIS (2000) ressaltam que ambivalentemente neste período de “moratória”, há a presença de uma certa angústia devido à espera da dita autonomia e acumulação de riquezas, que são as grandes aspirações das sociedades capitalistas. Dentro de sua complexidade, portanto, a adolescência carrega em si ao mesmo tempo esta angústia, mas também a significação de um lugar da potência, de promessa e da satisfação de vida

através da liberdade, satisfação a qual o adulto explorado pela sociedade do trabalho, já perdeu.

Outra consequência destas alterações culturais foi a associação da parentalidade como algo ruim, promovendo uma significação do ato de ter filhos como sinônimo de atraso, entrave ou impedimento da conquista do pleno lugar ideal para o sujeito em desenvolvimento (BIRMAN, 2007).

Logo, no lugar do ideal da constituição da prole, veio o ideal dos estudos, da conquista de uma carreira, visando *a posteriori* construir-se a tal nova família. Plano que é cada vez mais adiado, ou abandonado, com o aumento do número de jovens que não desejam ter filhos (BIRMAN, 2007).

É preciso agora fazer uma pequena ressalva diante de tais reflexões, lembrando que há várias configurações de família possíveis, e que este estudo não visa partir de uma concepção tradicional para ditar o que seria um modelo de família ideal. Pelo contrário, como nos mostra BIRMAN (2007), a construção da família moderna é fruto de um processo histórico, iniciado entre os séculos XVIII e XIX, com a ascensão da burguesia, sendo denominada família nuclear (burguesa), em contraposição à outra modalidade de família pré-moderna, sendo portanto, *uma* das referências adotadas ao longo da história humana, que sempre está em transformação.

Após esta pequena observação, prosseguimos nossas análises demonstrando que houve uma consonância entre a postergação ou recusa da parentalidade, com a possibilidade traga pelo avanço científico com relação ao desenvolvimento de métodos contraceptivos, que desvencilharam a copulação da procriação, permitindo que o prazer obtido com a relação sexual pudesse vir independentemente da reprodução.

É preciso novamente aqui fazer outra ressalva, lembrando que o exercício da parentalidade não é a via régia à partir do qual deve-se ser pensada a saída da adolescência para a idade adulta, pois há outras possibilidades além desta. Nem tampouco, é nossa intenção insinuar que aqueles indivíduos que não desejam gerar filhos estejam em uma posição errada, patológica. Seria errôneo de nossa parte concebê-los de tal maneira, pois se o fizéssemos estaríamos cometendo um equívoco deveras grave ao categorizar todo aquele que não deseja exercer a parentalidade como um adolescente ou um desviante, pois tomaríamos assim um caráter moralista e regulador instrumentalizando a ciência.

Gênero e extensão da adolescência

Um dos grandes fatos que expressam o prolongamento da adolescência, fazendo com que ela adentre a casa dos 20 anos, 30 anos, está na dependência financeira dos filhos em relação aos pais, principalmente em classes mais abastadas. Os filhos nestas classes continuam dependentes economicamente, e sendo sustentados pelos que executam a função parental mesmo após a conclusão de um curso superior. Persistem ali, estudando para concursos públicos, fazendo pós-graduações ou tantas outras possibilidades até atingirem um status econômico ideal, o qual os seus pais não tiveram.

Enquanto ocupam a posição fantasmática de “sua majestade o bebê”, pelo massivo investimento libidinal realizado pelas figuras parentais, os filhos iriam idealmente realizar tudo aquilo que estes não puderam empreender na existência, justamente porque se sacrificaram pelos filhos no campo biopolítico da família moderna (BIRMAN, 2007, p. 54).

Além deste fator, também há outros pontos que demonstram a extensão da adolescência, em casos onde mesmo diante do exercício do trabalho, e de um bom retorno financeiro por exemplo, há um engajamento inconsciente ou consciente em recusar o êxodo deste lugar de proteção e amparo ao qual tanto se acostumaram.

Esta questão de continuarem a viver sob o teto dos pais, sem auxiliar em contas básicas e utilizando os recursos financeiros adquiridos com o labor, apenas para satisfação própria, demonstram esta recusa em sair deste lugar do adolescer, um engajamento em continuar ainda de certa forma sob os cuidados destes pais.

Apesar deste fenômeno contudo, ser mais expressivo nas classes mais abastadas, devido à melhores possibilidades financeiras, ele não é uma exclusividade delas, apresentando-se também nas classes menos favorecidas. A diferença expressiva, no entanto, que se verifica está no fato de que ao filho do pobre é exigido mais cedo sua entrada no mercado de trabalho, a fim de auxiliar nas despesas domésticas, ou promover o mais rápido possível o seu próprio sustento, diminuindo as despesas dos pais com cada filho. Esta realidade é demonstrada de forma muito palpável no documentário: “Nunca me sonharam”, dirigido por Cacau Rhoden, lançado no ano de 2017.

Contudo, em muitos casos, mesmo nestas realidades mais duras, o ideal da adolescência continua a influenciar principalmente o gênero masculino, permitindo ao homem este lugar de escolha, ao passo que para as mulheres torna-se uma obrigação, essa saída forçada da adolescência, seja através da concepção de um filho, seja pelo casamento, seja por ocupar o lugar de contribuir equitativamente com as despesas domésticas, TRAVERSO-YÉPEZ et al. (2005)

Esta busca pela correspondência e manutenção do ideal da adolescência, mantém o investimento libidinal dos sujeitos em um pólo mais narcísico. Estes enfim, desempenham muito bem o papel ao qual foram ensinados desde sua concepção por seus cuidadores, vivenciando narcisicamente o que seus pais não puderam, ocupando o lugar de vossa majestade, como diria FREUD (1914/2010b).

Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições — que um observador neutro nelas não encontraria — e a ocultar e esquecer todos os defeitos. (FREUD, 2014, p.25)

Estes traços marcam o sujeito hoje, que biologicamente falando seria um adulto, mas que simbolicamente buscam retomar ou realizar a manutenção deste status adolescente ao qual não desejam abrir mão. O motivo, conforme já citado, trata-se dos ideais sociais da atualidade que estão voltados para o pólo do narcisismo em prol da alteridade, como mostra MENEZES (2010).

Assim, os sujeitos forjados na cultura do gozo e alienados ao fetiche da mercadoria, conforme aponta HAN (2014), entendem que felicidade é igual à satisfação, e à aquisição de bens e mercadorias. Alcançar assim as metas capitalistas e conseguir uma posição social que lhes permita sustentar e exibir esta satisfação nas redes sociais, são as operações que também ajudam a sustentar este ideal de gozo adolescente.

Os papéis de gênero delimitados socialmente também inserem-se nesta equação demarcando espaços, onde o machismo demonstra sua estruturação, permitindo aos homens a escolha do exercício da parentalidade dos filhos que gera. Legalmente lhes é exigido somente o pagamento da pensão alimentícia, e o suporte com os estudos dos filhos, ao passo que para a mulher, o abandono, ou recusa do exercício da parentalidade seja de forma material, intelectual ou afetiva é insuportável, socialmente falando. Em conclusão, uma mulher que abandona seu filho biológico é execrada, condenada enquanto sujeito humano, tornando-se indigna do ideal materno, ao passo que para o homem, é coisa normal SARAIVA & TAROUQUELLA (2010).

A fim de explicar a origem dessa pressão exercida sobre as mulheres para ocupar este lugar da parentalidade SARAIVA & TAROUQUELLA (2010), fizeram um resgate histórico demonstrando que no século XVII, as crianças eram criadas por amas, sendo enviadas aos lares

destas mulheres e afastadas do convívio das mães. Muitas delas retomavam o contato com estes filhos somente mais tarde, depois do período da amamentação, ao passo que algumas nunca o retomavam. Os índices de mortalidade infantil assim eram alarmantes neste período e foi necessária uma campanha que associasse a posição da maternidade a um lugar ideal, divino.

A construção deste ideal de maternidade com o auxílio da ciência, das artes e da religião permitiu combater a mortalidade infantil, influenciando também a forma como concebemos as obrigações da maternidade ainda nos dias de hoje.

A naturalização da mãe como aquela que ama e cuida independentemente das circunstâncias foi, portanto, também fruto de uma construção histórico-cultural. Entender tal fator é importante, como explanam SARAIVA & TAROUQUILLA (2010) para analisar as situações, quando esta maternidade torna-se insuportável a ponto de ocorrer um abandono.

Não se trata portanto, de uma falha biológica, genética, ou um ato anti-natural, mas sim de algo que expressa uma marca psíquica através deste contato da mãe com a criança, GOLSE (2019); FREUD (1927/2014a).

Estas conjecturas já possibilitam-nos perceber que, apesar de ser a manutenção do ideal da adolescência, o caminho principal de nossa investigação, teremos de compreendê-lo como um fenômeno inter-conectado com outras questões. Mas quais são estas outras questões?

Estranhamento, Abandono, Função Materna e Paterna

A relação da mãe com seu bebê desperta um contato com suas próprias questões narcísicas, envolvendo tanto o medo do bebê que foi-se um dia, quanto o bebê que gostaria de ter sido. GOLSE (2019) defende que este processo denomina-se Identificação Projetiva Normal, e que ele faz parte da comunicação básica mãe-bebê. Acrescenta também que o espaço das interações mãe-filho pode ser considerado como um lugar de narrativa bidirecional, onde o filho transmite coisas de seu mundo interno, mesmo em estado bem precoce, constituindo a transmissão psíquica como uma via de mão-dupla. “À sua própria maneira, o adulto conta ao bebê, o bebê que ele próprio foi, acreditou ter sido ou temeu ser, enquanto o bebê “conta” do seu próprio jeito, ao adulto, a história de seus primeiros encontros interativos ou inter-relacionais” . (GOLSE, 2019, pág 17)

FREUD (1919/2006) colabora acerca da elucidação desta questão, discorrendo sobre um estranhamento que ocorre nas relações humanas, decorrentes de percepções inconscientes que

promovem uma identificação dos aspectos insuportáveis ao Eu, que são projetados para quem desperta tal sensação. Trata-se, portanto, de questões familiares pertencentes ao sujeito, mas que são vistas no outro.

Podemos dizer, baseados em SARAIVA & TAROUQUELLA (2010), que a relação com o bebê, filho proporciona um contato narcísico privilegiado, tanto em seus aspectos positivos, quanto dos conteúdos insuportáveis, que podem, se não forem devidamente trabalhados, culminar em uma situação de abandono.

Logo, conclui-se a partir disso, que a parentalidade não tem necessariamente a ver com o fator biológico. Para LACAN (1985), a função materna e paterna está descolada dos atores sociais pai e mãe, uma vez que elas podem ser exercidas por outras pessoas. É no entanto, exigido de quem assume estas funções, um engajamento cotidiano na mesma. Similarmente, para TEPERMAN et al. (2020) acrescentamos que não há anterioridade à função materna e paterna, elas são constituídas juntamente com o nascimento da criança.

Ainda de acordo com TEPERMAN et al., (2020), o paradigma da parentalidade implica sempre o paradigma da *adoção*, mesmo com os sujeitos geneticamente envolvidos na geração de um novo indivíduo. Isto significa assumir que a parentalidade envolve um *ato*, termo bem caro à clínica lacaniana. O ato não é uma ação corriqueira, ele está ligado à determinação de um começo. Ali onde algo não existe, passa a ter um valor de inauguração, que é validado em um segundo momento a partir de seus efeitos.

Ou seja, é preciso primeiro entrar na posição parental para depois experimentá-la, não há possibilidade de inverter as coisas. Assim sendo, assumir o significante mãe, pai (chamar-se ou ser chamado por estes nomes), não significa assumir a função materna e paterna. Estas funções podem ser assumidas por quem não possui grau de parentesco com a criança.

Ocupar a parentalidade, no entanto, altera a composição familiar, inaugura novas relações de parentesco, pois implica inserir a criança em uma cadeia familiar, fazendo papel de dobradiça entre gerações.

Contudo, podemos ainda nos questionar se este possível estranhamento decorrente da relação com o filho, pode carregar também conteúdos familiares de gerações anteriores, influenciando diretamente este estranhamento e interagindo por exemplo com o ideal da adolescência em situações de abandono.

Herança Psíquica e Ambivalência

Segundo CICCONE (2014), há conteúdos que são repassados como uma herança psíquica de geração em geração através da família. Podemos afirmar que o abandono, é um destes que permeia a transmissão familiar. GOLSE (2019) distingue esta herança em conteúdos intergeracionais e transgeracionais.

N. Abraham e M. Torok (1972, 1978), mas também S. Tisseron (1985) propuseram então distinguir os conceitos de transgeracional e de intergeracional: A transmissão transgeracional (TTG) se daria fundamentalmente entre gerações que não têm contato direto; e se poria em ação no sentido descendente, e se valeria especialmente das vias da comunicação verbal (digital) e de suas particularidades estruturais (fenômenos de não-dito, por exemplo); Já a transmissão intergeracional (TIG), se daria sobretudo entre gerações que têm contato direto (pais e filhos), e poderia existir nos dois sentidos; e se valeria principalmente das vias de comunicação não verbal ou pré-verbal (analógica). (GOLSE, 2019, págs. 12 e 13)

Assim as heranças psíquicas transgeracional e intergeracional transmitem as histórias, os traumas e as fantasias familiares. CICCONE (2014) ainda destaca que a família emite mensagens paradoxais, através de divergências entre os conteúdos do discurso, costumes, valores, e os conteúdos reproduzidos que demonstram passagens ao ato, repetições que refazem cenas traumáticas atualizando-as.

LAFORTUNE et al. (2017) acrescenta bem como, cada família reproduz seus fantasmas, perpassando-os de geração em geração, reproduzindo o não-dito, perpetuando muitas vezes contextos de violência. NEVES (2009) também contribui acerca da temática descrevendo como as cenas de violência manifestam estes conteúdos perpassados de pais para filhos, em um cadeia psíquica que repete o trauma, e formaliza a transmissão tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos.

NEVES (2009) acrescenta que o abandono constitui-se como uma destas formas de violência, que perpassa os contextos familiares. Violência esta que se apresenta como marcas de conteúdos não elaborados. Assumir tal ponto é imprescindível para delimitar as contribuições teóricas deste estudo, uma vez que o abandono envolve uma complexidade de fatores desencadeadores e que estão interconectados.

Nesta interconexão, atrelam-se aos contextos histórico/culturais, os fantasmas familiares,

os traumas, os ideais sociais como por exemplo o da adolescência, e o contato do sujeito com a própria subjetividade através deste movimento projetivo com o filho biológico.

Assim, compreender a manutenção do ideal da adolescência como sendo *um dos* motivos na contemporaneidade para o fenômeno do abandono paterno, significa verificar suas conexões, às questões sociais, culturais, à repetição de conteúdos familiares, às questões de gênero e ao estranhamento do sujeito consigo mesmo, diante da posição que é convocado a ocupar, frente à este filho biológico, que o faz recuar frente ao ato da parentalidade.

Finalmente agora podemos verbalizar sobre a atmosfera da ambivalência, que é a expressão destas complexas operações que se decorrem no psiquismo envolvendo este tema de pesquisa.

SARAIVA & TAROUQUELLA (2010) relatam que o exercício da parentalidade envolve sempre a envolvem! Assim os sentimentos agressivos com relação aos filhos logo, não se constituem como eventos patológicos, mas sim questões humanas. A questão que importa, é quando a intensidade da ambivalência torna-se insuportável para o sujeito, culminando em uma passagem ao ato (abandonar, matar). O que demonstra que houve uma carência de simbolização para lidar com estes sentimentos e com a clivagem do Eu.

As autoras ainda salientam recortes de notícias jornalísticas onde houveram casos de abandono materno, onde era-se foi possível verificar que após abandonarem seus filhos, as mães buscavam de alguma forma salvá-los ligando para a polícia ou para os bombeiros. Este ato de tentar salvar o bebê que elas próprias descartaram, demonstra a intensidade da conflitiva vivenciada por estas pessoas. Apesar da análise das autoras basear-se na relação mãe-filho, assim como as contribuições trazidas por outros autores neste estudo, podemos traçar um paralelo para a relação do homem-filho, diante do contexto do abandono, das relações narcísicas e das outras questões aqui debatidas.

Após este longo mapeamento dos fatores dinâmicos envolvidos na cena do abandono e sua devida contextualização, resta-nos ainda uma importante questão a responder: Qual é a mudança ou processo que não ocorreu, e que está envolvido nos casos de abandono paterno, correlacionados à manutenção do ideal de adolescência?

Luto Desenvolvimental, Abandono e Consequências

Conforme já demonstramos, as pressões sociais para assumir a parentalidade estão atreladas à questões de gênero, e portanto, perpassam construções sociais e culturais acerca dos privilégios masculinos. O que estas questões de gênero permitem, portanto, acerca dos processos conscientes e inconscientes nos sujeitos homens, é a possibilidade de elaboração ou recusa do luto da adolescência. Em última análise, a saída do local socialmente idealizado; êxodo que é obrigatório para a mulher.

Para FREUD (1917/2010) o trabalho do luto está atrelado à tentativa de elaboração da perda de algo, não estando limitado à uma pessoa. Desta forma, deixar este lugar de ideal social na contemporaneidade, envolve um trabalho psíquico intenso, dado que exigirá do sujeito novos posicionamentos diante da vida, e dos investimentos nos objetos. Mais especificamente, significa sair de uma posição onde há, economicamente falando, um intenso investimento narcísico, que deverá agora ser modificado em investimento objetal (destinado ao outro), no caso da parentalidade. Envolve assim também modificar a satisfação adquirida em uma circuitaria majoritariamente do Eu para novas satisfações indiretas através do outro (filho) FREUD (1914/2010b).

JUNQUEIRA (2014), acrescenta com relação a este tópico, as contribuições de CRAMER & ESPASA (1993) que cunharam o termo “luto desenvolvimental”, que são lutos vivenciados pelos sujeitos ao longo das fases de desenvolvimento de suas vidas.

Comparam o luto desenvolvimental que o adolescente vive ao se deparar com a sexualidade, com o luto da chegada de um filho, cada um destes remetendo à identificação ou com a imagem sexual dos pais, ou com o funcionamento parental deles. A possibilidade de um desmoronamento depressivo no momento destas passagens fica diretamente ligada aos lutos e conflitos mal resolvidos durante a infância e a adolescência. Dizem eles: “Estes lutos contribuem para que o “luto desenvolvimental”, ligado à parentalidade, muitas vezes assumam características patológicas. Deixar o lugar de filho para se tornar pai, é sentido pelo jovem pai como um abandono de uma parte de seus próprios pais. (JUNQUEIRA, 2014, p. 36)

Compreende-se portanto, que a parentalidade exige a renúncia a uma certa economia libidinal narcísica, renúncia nem sempre bem aceita por aqueles que se mantêm desejosos em permanecer no lugar do adolecer. Assim, nos casos em que a busca da manutenção desse ideal adolescente mostra-se muito intensa, há uma grande dificuldade em aceitar a elaboração deste luto da adolescência, podendo chegar à uma recusa da elaboração do mesmo.

Inferimos que a complexidade da elaboração deste luto está diretamente atrelado à ambivalência diante deste filho biológico. A observação desta conflitiva na economia libidinal se demonstra através da intensidade e da multiplicidade de formas e níveis de abandono paterno: material, intelectual e afetivo.

O que se impõe como indagação hoje, nesta expansão do estilo adolescente de existência, é se aquela separação destas idades da vida não foi um artefato produzido pelo discurso biopolítico dominante nos últimos duzentos anos e se este agora não tende a se transformar nas suas linhas fundamentais de força. (...) a ausência e a diminuição flagrante da prole denota um não-desejo de crianças, na atualidade de nossa tradição, de maneira que um novo fantasma se constituiu. Este fantasma pode ser enunciado como matemos as crianças. (BIRMAN, 2007, p. 59)

TEPERMAN et al. (2020) ainda destacam a intensidade que envolve o trabalho parental. Ocupar o lugar da parentalidade é oneroso, principalmente pela exigência do trabalho psíquico. Envolvendo também oferecer ao filho, o seu corpo como lugar de satisfação: o seu olhar que funciona como um reflexo do bebê sobre si, a voz que fisga o mundo em um lugar de saber.

Ou seja, é lançar mão de um sistema simbólico, identificando-se com o que ocorre no corpo do outro, para que o afeto aceda ao campo da palavra. Entretanto, envolve também, com quem executa tal função, o encontro com o indizível da experiência, com o real, com o que é impossível de se dizer.

A parentalidade é algo que exige um preço de quem a experiencia, pois apesar dos prazeres que proporciona é também um lugar de desamparo. Lugar em que ao homem é aceito uma posição de escolha, de aceitação ou negação, principalmente em relação ao abandono afetivo, que não é passível de mensuração, e que escorrega por entre os dedos da legislação, mas que causa prejuízos tão grandes quanto os demais. Os privilégios masculinos demonstram a força do machismo estrutural. Machismo muitas vezes sutil, camuflado, performático, escondendo a realidade da dinâmica familiar.

Como já discorrido aqui, psiquicamente falando, sempre haverá uma transmissão, uma herança que é perpassada familiarmente e culturalmente. Herança com a qual o sujeito terá de se haver. É claro que o sujeito poderá dar destinos criativos para o traumático, ou posicionar-se de forma dissidente frente à cultura, experimentando novos arranjos, elaborando novas questões acerca da sua própria história. Saíndo da repetição, passando pela recordação e pela elaboração como diria FREUD (1914/2010b)

Contudo, é necessário salientar os efeitos que o abandono paterno pode gerar na vida daquele que foi abandonado. Pois, haverá uma marca que lhe será feita através desta transmissão psíquica inconsciente. Esta marca que delimita uma falta, falta de alguém que deveria exercer uma função à qual não se engajou. Um conteúdo psíquico que expõe um vazio de um outro biológico, mesmo que alguém tenha executado esta função em seu lugar.

Esta marca que se dá pela falta, pela ausência de desejo de um outro, de alguém que lhe deveria ser desejante, inaugura um enigma para quem foi abandonado: “porque foi assim?”. As fantasias que Freud concebe como sendo a realidade psíquica dos sujeitos (MARDEM et al. 2013), envolverão portanto, desde o momento da percepção desta falta, uma ferida narcísica, que demandará um trabalho psíquico intenso de elaboração. Caso esta elaboração não ocorra, o conteúdo tenderá a se repetir.

Esta incógnita que gera a ferida narcísica influenciará diretamente nos questionamentos que o sujeito abandonado terá sobre si mesmo: se o problema estava nele, se foi algo que fez, se ele não foi suficiente para conseguir o amor, o desejo, a presença e aprovação do outro.

A experiência clínica demonstra também que neste processo de elaboração do abandono paterno, desencadeia-se sentimentos agressivos com relação ao progenitor que abandonou, em outros casos mobiliza tentativas de aproximação e contato que podem ser bem-sucedidos ou gerar novas frustrações. Outro caminho ainda possível são tentativas de anular afetivamente os sentimentos com relação a este pai biológico, através da indiferença. Resumidamente, uma série de movimentos defensivos e elaborativos que buscarão lidar com a incógnita da falta.

Torna-se ímpar ressaltar, a importância de um trabalho social, clínico, legislativo e educativo que auxilie na elaboração do luto do ideal da adolescência, e no questionamento do machismo estrutural. Para que seja mobilizado assim, um exercício de alteridade, visando novas possibilidades de elaboração de conteúdos transgeracionais, psíquicos e culturais que estão em jogo nesta problemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o presente estudo não esgota a problemática do abandono paterno, salientamos portanto, a necessidade de mais pesquisas na área, para a ampliação do conhecimento científico sobre o tema.

Entretanto, dentro do que conseguimos avançar, acreditamos que respondemos à

problemática proposta na pesquisa, encontrando como resultados a correlação entre o machismo estrutural, ascensão do ideal de adolescência, renúncia ao investimento nos objetos, repetição de conteúdos transgeracionais, ambivalência, recusa do luto desenvolvimental e o abandono paterno na atualidade. Fenômenos que estão interconectados e que expressam desta forma, o expressivo abandono paterno em comparação ao materno.

Engajar-se portanto, na parentalidade exige um *ato*, marcado pela entrada e sustentação deste lugar, que apesar de oferecer satisfações, envolve também experiências de desamparo.

Por último ressaltamos que o abandono, é sempre uma sombra, a ser combatida clinicamente através da escuta da ambivalência destes pais para com seus filhos. Entretanto é necessário ações mais expansivas através da militância nos meios educativos, legislativos e em meios de comunicação sobre a importância da função paterna e as consequências da recusa de quem se espera que ocupe tal função.

REFERÊNCIAS

- ARAGAKI, Caroline. **O abandono afetivo paterno além das estatísticas**. Online, disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/noticia/o-abandono-afetivo-paterno-alem-das-estatisticas/>, 2019.
- ARIÉS, Philippe. **A História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.
- BECKER, Daniel. **O que é adolescência?** São Paulo: brasiliense, 1999.
- BIRMAN, Joel. Laços e Desenlace na Contemporaneidade. **Jornal de Psicanálise**, 2007.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CICCONE, Albert. **Transmission Psychique Et Parentalité**. Cliopsy,1(11) 17 -38. DOI 10.3917/cliop.011.0017, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/UNB/Downloads/CLIOP_011_0017.pdf
- FREUD, Sigmund. (1914/2006). "Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)". In: **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913/2006)**. Rio de Janeiro: Imago, v. XII.
- FREUD, Sigmund. (1923a/1980). **Dois verbetes de enciclopédia. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (vol. 18)**. Imago.

FREUD, Sigmund. (1917/2010). Luto e Melancolia In: **Obras Completas Volume volume 12: Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos. (127–142)**. Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1917).

FREUD, Sigmund. (1919/2006). "O Estranho". In: **Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918/2006)**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVII.

FREUD, Sigmund. (1914/2010b). Introdução ao narcisismo. In **S. Freud, Obras completas (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50)**. Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund. (1927/2014a) O futuro de uma ilusão. In **S. Freud. Obras completas (vol. 17, pp.124187-243)**. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras.

GOLSE, Bernard. **O que o bebê transmite aos adultos? (O conceito de transmissão psíquica ascendente)**. Cad. Psicol. (CPRJ), Rio de Janeiro, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Âyiné, 2014.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima de Amorim. **Parentalidade contemporânea: encontros e desencontros**. Primórdios, Rio de Janeiro, v. 3, 2014.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares**. (M. A. Coutinho Jorge & P. M. da Silveira Júnior, trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LAFORTUNE, David; GILBERT, Sophie; LAVALLÉE, Geneviève & LUSSIER, Véronique . Enjeux psychiques des parentalités à risque et potentiels thérapeutiques du génogramme libre. **La psychiatrie de l'enfant**, 2017.

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LÁZARO, Natália. **Dia dos Pais pra quem? Com 80 mil crianças sem pai, abandono afetivo cresce**. Online, 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/dia-dos-pais-pra-quem-com-80-mil-criancas-sem-pai-abandono-afetivo-cresce>.

LEANDRO, Mardem; COUTO, Daniela Paula do; LANNA, Maria dos Anjos Lara e. Da realidade psíquica ao laço social: a função de mediação do conceito de fantasia. **Cadernos de psicanálise**. Rio de Janeiro , v. 35, n. 28, p. 27-48, 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000100002&lng=pt&nrm=iso>.

MENEZES, Lucianne Sant'anna de. **Desamparo**. Casa do Psicólogo, 2008

MENEZES, Lucianne Sant'anna de. **Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho**:

desamparo, pulsão de domínio e servidão. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. (Tese de doutorado), 2010.

MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. 2020. **Atlas da Violência.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. Online. Disponível em: <chrome-extension://oemmdcbldboiebfnladdacbdadm/https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/08/atlas-da-violencia-2020-infografico.pdf>.

NEVES, Anamaria Silva. **Família no singular, históricas no plural: a violência física de pais e mães contra filhos.** EDUFU. 1ª ed, 2009.

ROHDEN, Cacau. **Nunca me Sonharam.** Documentário, 2017.

ROCHA, Ana Paulo Rongel; GARCIA, Cláudia Amoriaim. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], v. 28, n. 3, 2008.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, 2004.

ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento** (2a ed). Escuta/Fapesp, 2018.

SARAIVA, A.; TAROUQUELLA BRASIL, Kátia. O ato do abandono e as ambivalências da maternidade. In: Steven, C. Tarouquella Brasil, K.C.; Almeida, T. M. C. ; Zanello, V. (Organizadoras). **Gênero e Feminismos convergências (in)disciplinares.** Brasília: ExLibris, 2010.

SAURET, Marie-Jean. **A pesquisa clínica em psicanálise.** Psicologia USP, 2003.

TEPERMAN, Daniela. ; GARRAFA, Thaís; IACONELLI, Vera. **Parentalidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha A. & PINHEIRO, Verônica de Souza. Socialização de gênero e adolescência. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2005, v. 13, 2005.